



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCRITURA DE CARTAS PARA O PLANETA TERRA: VIVÊNCIAS DE PROFESSORES/AS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Maria Dolores dos Santos Vieira, Cristiana Barra Teixeira, Antonia Regina dos Santos Abreu Alves  
[doloresvieiraeduc@hotmail.com](mailto:doloresvieiraeduc@hotmail.com), [cristiana\\_barra@yahoo.com.br](mailto:cristiana_barra@yahoo.com.br), [reginaabreu22@hotmail.com](mailto:reginaabreu22@hotmail.com)  
Universidade Federal do Piauí/CSHNB

### **Resumo**

Com objetivo de identificar quais vivências relacionadas ao meio ambiente têm sido experimentadas pelos professores/as em suas comunidades e como elas/es as descrevem à luz da Educação Ambiental a partir da escritura de cartas destinadas ao planeta Terra, trilhamos os caminhos dessa pesquisa qualitativa, com enfoque no método descritivo analítico com a colaboração de alunos/as do 8º período do Curso de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professor da Educação Básica - PARFOR da Universidade Federal do Piauí no Campus Senador Petrônio Portela em Teresina-PI. Os achados do estudo foram organizados em categorias nomeadas: ações-clamores, ações-temores e compromissos-attitudes. Analisando-as, apreendemos as atuações desses professores/as que se distanciam de uma consciência planetária, logo, pontuamos que há necessidade de investimentos numa formação ambiental, ao tempo que inferimos que a disciplina Ecopedagogia pode ser o passaporte para que esses discentes que são ao mesmo tempo professores/as de crianças e vivem em suas comunidades, possam se reconhecer parte viva da Terra e como tal desempenharem papéis sociais em que tenha lugar a mudança de atitudes em relação as suas vivências na/com a natureza. Verificamos uma urgência do grupo pesquisado em assumir novas posturas, mas sem uma visão do que é possível realizar no seu lugar e como parte do cosmo. Esse distanciamento entre a pessoa e o mundo alerta-nos para dificuldades na emancipação ambiental desses interlocutores/as. Julgamos ser imprescindível o reconhecimento de cada um/a como parte indivisível do todo, pois advogamos que o sentimento de pertença estimula atitudes de conservação da natureza.

**Palavras - chave:** Educação Ambiental. Consciência Planetária. Atitudes.

### **Introdução**

Este trabalho apresenta achados de nossa experiência docente enquanto professoras formadoras do Plano Nacional de Formação de Professor da Educação Básica - PARFOR, no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, no Campus Senador Petrônio Portela em Teresina, na disciplina Ecopedagogia, ministrada no segundo semestre letivo do ano de 2015. Essa empreitada investigativa intencionou responder a seguinte questão: quais vivências relacionadas ao meio ambiente têm sido experimentadas pelas/os professores/as em suas comunidades e como elas/es descrevem-nas à luz da Educação Ambiental?



Consideramos esse estudo de grande relevância para os processos formativos das professoras/es parfonianos, principalmente pelo impacto causado pelas discussões e reflexões geradas em torno da Educação Ambiental no Curso de Pedagogia, além do cenário que se instalou na ambiência da sala de aula, que foi de um estabelecimento coletivo e dinâmico de uma convivência renovada pela pauta ambiental. Cuidados antes não notados e nem materializados nas ações do dia-dia desses/as professores/as foram incorporados à rotina universitária.

Iniciamos a atividade de escritura das cartas em sala de aula depois de refletirmos sobre a forma como o Curso de Pedagogia vem tratando a Educação Ambiental nos processos formativos de docentes, pois defendemos que a Educação Ambiental é a própria Educação, não apenas um aspecto desta ou incluída como um apêndice. Assim informamos a nossa concepção de Educação Ambiental e passamos a preparar o corpo pesquisador para a etapa de escrita das cartas como movimento de potencialização do grupo, realizando um trabalho corporal e exibição de um vídeo sobre o qual nos deteremos mais adiante quando estivermos tratando da metodologia.

Ancoramo-nos em autores como: Boff (2009), Morin (2003), Guatari (2009), Maturama (2005), Gutiérrez (1996) dentre outros/as, e discutimos as questões ambientais pertinentes à relação de sobrevivência da humanidade em sustentabilidade com o planeta Terra. Suscitamos algumas reflexões e a partir desse esteio teórico, propusemos à turma que escrevesse cartas para o planeta Terra e que nelas reconhecessem as suas vivências, faltas, se as tivessem, descrevessem quais os medos que traziam em relação à extinção do Planeta e se comprometessem com a mudança de comportamento em relação ao uso dos bens da natureza e conseqüentemente com a sua conservação.

Dessa forma, procuramos promover esse momento de registro de condutas dessas mulheres e homens que são agentes educativos de crianças e cidadãs e cidadãos desse mundo e dessa “era planetária” (MORIN, 2003). Alargando o nosso olhar sobre essa era e sua importância para a compreensão da própria história humana e do mundo esse autor nos convida a conceber a história geral da humanidade que, em conformidade com os seus escritos, começa com a diáspora que terminou em dispersão, desuniões e fragmentos de humanidade. Reconhecendo e valorando essa necessidade fizemos o resgate histórico da Educação Ambiental no Brasil e no mundo sempre pontuando o papel da humanidade no desenvolvimento do Planeta.



Nesta perspectiva, o presente artigo intenciona identificar quais vivências relacionadas ao meio ambiente têm sido experimentadas pelas/os professores/as em suas comunidades e como elas/es descrevem-nas à luz da Educação Ambiental a partir da escritura de cartas destinadas ao planeta Terra.

## **Metodologia**

Para a realização desse estudo andárilhamos uma metodologia de pesquisa que utilizou a produção do gênero epistolar para dar conta da coleta de dados. Como já foi anteriormente anunciada, a produção das cartas foi antecedida pela exibição do vídeo “Carta Escrita no Ano 2070” que trata de uma carta escrita por uma pessoa de tempo futuro para os habitantes do tempo atual. Essa sensibilização exerceu uma força reflexiva muito forte entre as/os professoras/es parfonianos, significou a abertura para uma discussão muito produtiva e crítica sobre saberes, fazeres e viveres no meio ambiente. Importou em reconhecimentos de si mesmo como ser humano que vive nesse Planeta e como tal deveria ter o compromisso e a “consciência planetária” (Gutiérrez, 1996, p.3) de cuidar do habitat-mundo. Não se trata aqui, todavia, de uma discussão acerca da Educação Ambiental, mas sobre como ela atravessa essas vivências dos professores/as.

Logo, o caminho metodológico foi pensado e trilhado na direção da abordagem qualitativa, com enfoque no método descritivo analítico, pois compreendemos que a descrição do fenômeno está carregada dos significados que as vivências desses professores/as lhes outorgam, sendo, pois, resultado de uma visão subjetiva que tem como base a percepção desses/as sobre as suas ações no/com o meio ambiente (TRIVIÑOS, 1978).

No que se refere à análise dos dados das cartas empregamos a análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (1977). Em conformidade com essa autora realizamos três etapas de análise a citar: a) leitura de todas as cartas; b) exploração das cartas com destaque das categorias eleitas para o estudo e por último o tratamento dos resultados.

Ainda sobre o estudo, nele, compreendemos os professores/as, os interlocutores/as da pesquisa, sujeitas/os históricos e copesquisadores/as, agentes sociais que (re)produzem contextos sociais e são produtores, também, de novas histórias e de transformações na sociedade (MINAYO, 2012).



Nesta escritura elegemos três categorias de análise as quais nomeamos de: a) ações-clamores, b) ações-temores e c) compromissos-attitudes. Nessa assertiva, também, acordamos com os professores/as para utilizarem pseudônimos, assim, nesse grafito apresentamos a análise das categorias evidenciadas correspondentes a 05(cinco) cartas das 25(vinte e cinco) que foram escritas pelos professores/as do 8º Bloco do Curso de Pedagogia do PARFOR/UFPI/Teresina conforme a identificação de: Professor/a Pantanal, Amazônia, Serra da Capivara, Parque Sete Cidades e Floresta dos Palmares.

A maioria dos/as pesquisados/as se identificou por elementos do meio ambiente piauiense e dois outros, pelos ecossistemas pantaneiro e amazônico. A escolha das cartas a ser analisadas se deu de forma aleatória, tendo sido retiradas 05(cinco) de um total de 25 dispostas sobre a mesa da professora durante o percurso da disciplina. Essas cartas foram lidas na sala de aula com o consentimento de seus autores/as e respeitado o direito da não identificação para aquelas/es que assim o preferissem.

Os achados desse estudo são objetos de três quadros descritivos e cada um traz as expressões dos/as professores/as partícipes da investigação. No Quadro 01 descrevemos e analisamos as partes da carta em que elas/es assumem as suas vivências e/ou falhas em relação à conservação do Planeta, reconhecendo a ausência de cuidados como uma falha individual e por essa percepção externalizam a sua culpa e o seu pedido de perdão ao Planeta Terra. Em sequência, descrevemos no Quadro 02 os temores e no Quadro 03 enaltecemos o compromisso que os/as professores/as assumem com o planeta Terra.

## **Resultados e Discussões**

No quadro inicial, as ações clamores dos/as professores/as são apresentadas ao tempo em que descrevemos cada depoimento conforme ele se apresenta na composição do escritor/a da carta e compreendemos em seus discursos fortes indícios da construção de uma nova consciência ambiental, uma vez que essa atividade foi proposta depois de uma sequência de atividades que priorizaram a reflexão e o diálogo com as questões ambientais locais e globais, com intuito de sensibilizar os/as participantes para a formação de uma consciência ecológica planetária.



**QUADRO 1: Ações-clamores dos professores/as**

<b>Professor/a</b>	<b>Prática-Clamores</b>
<b>Professora Pantanal</b>	Meu clamor é devido ao sofrimento do Planeta Terra sobre o qual me reconheço culpada. Admito que eu via o sofrimento do Planeta, mas não me importava com isso e nada fazia para diminuir esse sofrimento, pelo contrário derrubei árvores e não as replantei, desperdicei água, joguei lixo pela janela do ônibus e do carro em vias públicas sem sequer me preocupar com as minhas atitudes.
<b>Professora Amazônia</b>	Meu clamor é por conta do sofrimento que eu lhe causei, estou arrependida e preciso fazer algo por você. Nosso vínculo precisa ser renovado, para que as futuras gerações possam conhecê-lo e ver o quanto você é lindo e possa viver no mais lindo dos planetas.
<b>Professora Serra da Capivara</b>	Meu clamor é por eu saber que mesmo eu estando arrependida por não ter cuidado bem de você, não vai mudar a realidade, pois vejo o quanto você está desgastado, faltando água em lugares que antes ela jorrava farta. Eu sinto que podia ter feito alguma coisa, mas não fiz o que era preciso para você se recompor. Por tudo isso lhe peço desculpas por todas às vezes que não fechei a torneira enquanto tomava banho ou escovava os dentes, das vezes que não liguei de regar as plantas ou até mesmo de plantar uma árvore, além das vezes que joguei o lixo em qualquer lugar, e pelas árvores que foram queimadas ou derrubadas para fazer minha casa.
<b>Professor Parque das Sete Cidades</b>	Meu clamor é por que eu cortei árvores, polui rios e o solo. Estou muito arrependido dos maus-tratos que lhe causei e está doendo a minha consciência que não estou nem conseguindo dormir à noite. Eu peço mil desculpas por tanta covardia com você, Planeta Terra.
<b>Professora Floresta dos Palmares</b>	Clamo e humildemente venho apresentar-me a você, sei que nunca lhe dei a atenção que merecia. Parece irônico chamar-lhe de “prezado”, mas não me entenda mal, é que só agora eu acredito o quanto você é precioso e devo prezar por sua conservação. Chamo-me “Arrependimento” e em nome de todos os seres humanos peço-lhe perdão por tudo o que fizemos a você.

**Fonte:** Cartas de alunos/as do PARFOR do Curso de Pedagogia para o planeta Terra.



A própria Carta da Terra (Boff, 2009) foi instrumento potencializador dessa prática e encontrou respaldo nas memórias da maioria dos/as professores/as que mais experientes se declararam adeptos desse gênero textual, aspecto que positivou ainda mais a atividade, pois tratou de um fazer ao qual elas/es já tinham intimidade e por isso escrever nesse contexto tornou-se um ato prazeroso no qual a turma se derramou em essência humana fazendo o seu “alarme ecológico” (BOFF, 2009).

Enxergar toda essa cadeia ecológica nos pareceu profundamente importante para desencadear um movimento que tivesse como base a disciplina Ecopedagogia, pois compreendemos que os conhecimentos construídos por esse caminho seriam sementes que frutificariam em práticas educativas desses professores/as e como energia seriam ações transformadoras em suas escolas-comunidades. Perspectivando essas mudanças foi que analisamos as ações-clamores, colocando sempre à frente o trato solidário com o cosmo. Sobre isso Boff (2009, p. 26) salienta que:

Para tal diligência, faz-se necessário superar o paradigma moderno, que fraciona, atomiza e reduz. Há de se chegar ao paradigma holístico contemporâneo, que articula, relaciona tudo com tudo e vê a coexistência do todo e das partes(holograma), a multidimensionalidade da realidade com sua não linearidade, com equilíbrios/desequilíbrios, com caos/cosmos e vida/morte. Enfim, todas as coisas devem ser contempladas na e através de sua relação eco organizadora com o meio ambiente cósmico, natural, cultural, econômico, simbólico, religioso e espiritual.

Refletindo sobre o que nos sinaliza o autor acerca da superação do modelo moderno do fracionamento e da redução foi que nos propusemos a discutir dentro dessa visão holística em que prima a dialogicidade e a interação entre as partes, numa conexão que aproxima e faz o todo ser visível de modo que a sociedade não só a enxergue, mas a viabilize através do eco. Com esses incrementos reflexivos, descartamos um pensamento ecológico linear e priorizamos uma nova vertente que sendo complexa, no sentido de multidimensionalidade, facilite a compreensão da questão ambiental.

Foi unísono que todas/os agrediram de algum modo a natureza. Ações que elas/es enquanto educadores/as deveriam combater e exemplificar com boas posturas ecológicas, elas/es protagonizaram. Não foi nossa intenção tecer uma crítica a esses comportamentos, mas refletir a partir deles sobre a situação em que se encontra hoje o planeta Terra e sobre como nós seres humanos temos contribuído para cada vez mais termos uma realidade que se não for freada comprometerá a vida.



O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida em sua superfície. Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. [...] (GUATARRI, p.7, 2009).

Quando propusemos a escritura das cartas pelos professores/as almejávamos que eles/as revelassem quais práticas de conservação do meio ambiente eles/as desenvolvem em suas comunidades e/ou escolas. Ler e discutir a partir dessas cartas sobre a Educação Ambiental em um curso de formação de professoras/es foi um momento rico de reflexões e trouxe para a pauta ambiental muitas questões subsidiadas nos depoimentos desses/as docentes.

No Quadro 02 descrevemos o reconhecimento dos professores/as partícipes da pesquisa no que se refere aos maus-tratos dados ao planeta Terra, muitas vezes, protagonizados por eles/as de uma maneira inconsequente e após as vivências da sala de aula, parece que foram desveladas trazendo a consciência de que é inevitável a mudança, pois só com ela haverá esperança de continuidade da sobrevivência humana. Esse clamor se materializa assim, de modo muito tocante, sensível e acima de tudo como grito de alerta e chamado à inclusão de ações educativas que não se esvaziem nos discursos, mas ao contrário, que se efetivem nas ações.

Os escritos revelam receio pelo fim da vida no planeta Terra como consequência das próprias ações humanas, expressa um clamor de alerta e chamamento para ações de cuidado com o meio ambiente e apontam a necessidade de atitudes indispensáveis para a preservação da vida e para o uso sustentável dos recursos ambientais.

Na teia dessas ideias analisamos as cartas avaliando o conteúdo relacionado aos receios que os professores/as apontaram diante do quadro descrito em seus clamores. Buscamos mergulhar profundamente em seus discursos para dar vazão aos medos, que esperamos sejam transformados em conscientização do papel de cada pessoa em sua itinerância planetária e passem a serem as raízes que darão sustentação às novas atitudes abordadas no terceiro quadro.

Os temores que analisamos corroboram para a compreensão de que os professores/as trazem concepções sobre a Educação Ambiental, Ecopedagogia, Ecologia, mas não conseguem estabelecer relações entre essas partes de forma que as coloquem no todo que é a própria vida. As percepções que extraímos dos temores apontam para a visão de mundo desses professores/as. Esses receios são partes de uma consciência pautada no



reconhecimento de que a própria pessoa protagoniza a situação que vive, contribuindo para uma tomada de decisão.

**Quadro 2: Realidade -Temores dos professores/as**

<b>Professor/a</b>	<b>Temores</b>
<b>Professora Pantanal</b>	O meu maior receio é que, se tudo continuar como está o planeta Terra não suporte viver mais por muito tempo e nesse sentido, me preocupo com o que vai acontecer com a humanidade, penso, inclusive em meus filhos, netos, enfim, nas gerações futuras.
<b>Professora Amazônia</b>	Meu grito é de alerta, porque receio que já tarda a mudança, medo só não basta, é preciso gritar para o mundo ouvir: vamos trabalhar nessa tarefa urgente para preservar o nosso meio ambiente.
<b>Professora Serra da Capivara</b>	Temo pela finitude da vida, pela falta d'água que já nos aterroriza, pelo ar pesado de poluição que tantas doenças vêm causando à população, especialmente, as crianças têm sofrido demais.
<b>Professora Parque das Sete Cidades</b>	O que mais me atemoriza na questão ambiental é o fato de nós seres humanos acharmos que a natureza é inesgotável, isso a meu ver tem contribuído para o desperdício, para a manutenção da cultura de que água não acaba no mundo. Temo por tempos ainda mais difíceis de escassez de água, de alimento, de vida para todos.
<b>Floresta dos Palmares</b>	Às vezes me pego pensando em cada árvore derrubada, cada animal morto, cada rio que secou, passa pela minha cabeça um filme de todas as atrocidades que o meio ambiente já sofreu e o vejo sucateado, maltratado. Penso que o meu medo não pode ser maior que a minha vontade de contribuir para a mudança, mas observo que a vida segue cada vez mais limitada pela ganância cega que não vê no progresso desenfreado o anúncio da nossa morte. Meu medo maior é que a cegueira não permita ao Homem enxergar que ele tem nas mãos a alavanca que pode desacelerar o extermínio da humanidade, porque a natureza costuma reagir e a espécie humana tem saído sempre em desvantagem.

**Fonte:** Cartas de alunos/as do PARFOR do Curso de Pedagogia para o planeta Terra.





Dentre as ideias elencadas percebemos que em todas as cartas a preocupação é coletiva, como o amanhã pode comprometer a sobrevivência humana, contraditoriamente, o futuro deve ser garantido com as atitudes do presente. Escrever cartas, nesse contexto, significou interagir com os outros/as, escutar o que os outros/as escreveram abriu mais que espaços de discussão e reflexão na sala de aula, possibilitou pensar na convivência humana no meio ambiente, trouxe proximidade para todos/as mesmo quando retornassem para as suas comunidades. As cartas se tornaram elos, vibrações, marcas que sinalizam para a urgência de novas posturas em prol da interpretação do ambiental em seus aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais e ecológicos.

Diante do caos anunciado nas cartas, os professores/as encerram-nas com atitudes sustentáveis em relação à natureza e se colocam nessa dinâmica como seres sociais que precisam aprender a conviver com o universo reconhecendo-o ser vivo e em permanente evolução. Na sequência, o próximo quadro traz uma amostra dos compromissos desses professores/as no que se refere ao futuro da humanidade como fator dependente da conservação do planeta. Nesse sentido, há uma convergência natural para que a espécie racional que habita o cosmo se perceba a principal agente dessa transformação, pois é o Homem, com toda a sua inteligência, a força capaz de operar a verdadeira metamorfose e construção de novos espaços que priorizem a manutenção da vida.

No Quadro 03 abordamos os compromissos e atitudes firmadas pelos professores/as no enfrentamento aos problemas ambientais vivenciados no planeta Terra. Trata de uma tomada de decisão individual, mas que pode contagiar a outros/as. São ações locais que potencializam ações globais.

As cartas serviram ao nosso propósito de tecer “mapas” das atitudes que os professores/as indicam como sendo aquelas que favorecem a conservação do meio ambiente e através delas entendemos que essa discussão simples, pautada numa atividade didática utilizada como instrumento para coleta de dados, afetou cada sujeito/a em sua dimensão afetiva ao meio ambiente. Esse será o elo que estabelecerá a parceria entre esses/as e o universo. Ajuizamos a isso, novas maneiras de dar significado às ações de cada um/a.

Acreditamos que pequenas intervenções formativas como esta podem ser de grande valia para despertar interesses genuínos sobre a causa ambiental, principalmente quando ela enseja a mudança de paradigmas em igualdade de mudanças, também, de atitudes de professores/as responsáveis pela educação das novas gerações, e perspectivando que valores



como solidariedade, responsabilidade, compromisso sustentabilidade sejam internalizados e multiplicados nas comunidades locais, nas escolas, pelo caminho da educação.

**Quadro 3: Práticas- Atitudes-compromissos com o planeta Terra**

<b>Professor/a</b>	<b>Atitudes-compromissos</b>
<b>Professora Pantanal</b>	Quero fazer uma aliança com você planeta Terra, comprometendo-me em cuidar melhor de você, mudando os meus valores, vivendo com responsabilidade, reconhecendo que as minhas atitudes poderão influenciar as atitudes dos que me rodeiam e assim contribuir para a sua reabilitação.
<b>Amazônia</b>	Prometo mudar as minhas atitudes em relação ao modo como utilizo os bens da natureza, revendo atitudes impensadas e passando a ajudar a conscientizar aqueles que ainda não enxergam o quanto você é maravilhoso e possam fazer também, a sua parte, para que juntos consigamos curar as suas dores e quem sabe você volte a nos agradar com a sua beleza.
<b>Serra da Capivara</b>	Eu prometo planeta Terra que a partir de hoje eu vou fazer tudo para que você possa ter água em abundância, vou plantar bastantes árvores para que possa respirar um ar saudável e nunca mais irei fazer queimadas e nem jogar lixo nas ruas, vou fazer de você o mais lindo dos planetas.
<b>Parque das Sete Cidades</b>	Eu me comprometo em mudar, vou plantar árvores, vou utilizar a água com mais racionalidade, procurando desperdiçar menos, mas o meu compromisso mais importante será o de conscientizar os meus alunos, tentar levar esse debate para a minha comunidade e através dele conseguir construir novas posturas ecológicas capazes de mudanças positivas para a conservação do meio ambiente.
<b>Floresta dos Palmares</b>	Quero firmar um compromisso com você planeta Terra: fazer tudo diferente daquilo que eu vinha fazendo até aqui, no que se refere ao modo como eu encarava o meio ambiente, não prestava muita atenção às coisas da natureza, interessante que nada que eu escutei ou foi discutido é novo, mas na sala de aula, colocadas desse jeito me fizeram pensar sobre como eu tenho agido e vejo que pequenas ações feitas por muitas pessoas podem mudar o mundo, vou começar a agir localmente.

**Fonte:** Cartas de alunos/as do PARFOR do Curso de Pedagogia para o planeta Terra.



Nesse juízo, Maturama (2005) consolida essas ideias ao afirmar que é preciso educar para o resgate de um conviver harmônico com a natureza no qual não haja a exploração, a destruição ou o abuso da natureza. Educar de maneira que o conhecimento não seja usado para dominar o universo, mas para desejá-lo conhecer.

Por esse viés nos arriscamos a dizer que a disciplina Ecopedagogia possibilitou parte dessa educação, cabendo aos professores/as à continuidade de sua educação e o investimento no educar das crianças sob os seus cuidados, pois se conseguirmos formar as novas gerações nesses princípios teremos a garantia de um mundo mais ameno em intempéries naturais ou produzidas pelas mazelas sociais.

## **Considerações Finais**

Nesta investigação objetivamos identificar quais vivências relacionadas ao meio ambiente têm sido experimentadas pelas/os professores/as em suas comunidades e como elas/es as descreviam à luz da Educação Ambiental a partir da escritura de cartas destinadas ao planeta Terra. Inicialmente fizemos a exploração da temática da Educação Ambiental, tendo em vista a sua importância e a amplitude de seu alcance para a formação de professoras/es, na perspectiva da Pedagogia.

Considerando a escritura das cartas, apreendemos as ações dessas/es que se apresentaram, muitas vezes, desprovidas de uma consciência de conservação do meio ambiente. Com essa apreensão foi possível perceber, de fato, a necessidade de investimentos numa formação ambiental e inferimos que a disciplina Ecopedagogia pode ser o passaporte para que esses discentes que são ao mesmo tempo professores/as de crianças e vivem em suas comunidades, de eles/as se reconhecerem parte viva da Terra e como tal desempenharem papéis sociais em que tenham lugar a mudança de atitudes em relação as suas vivências na/com a natureza.

Pelas informações mapeadas nas cartas e pelas interpretações a que elas nos levaram, as vivências desses professores/as vêm carregadas de agressões e maus-tratos ao meio ambiente e isso ocorre, especialmente, pela ausência de um conhecimento que possibilite a essas/as desconstruir velhas concepções e conceitos a respeito da inesgotabilidade do planeta Terra e da importância das ações individuais e em dimensões locais.



Na análise realizada verificamos uma urgência do grupo pesquisado em assumir novas posturas, mas sem uma visão do que é possível realizar no seu lugar e como parte do cosmo. Esse distanciamento entre a pessoa e o mundo alerta-nos para dificuldades na emancipação ambiental desses interlocutores/as. Julgamos ser imprescindível o reconhecimento de cada um/a como parte indivisível do todo, pois advogamos que o sentimento de pertença estimula atitudes de conservação da natureza.

Encerramos esse trabalho com a certeza de sua incompletude e reconhecendo as lacunas que deixamos. Não há como esgotar as perspectivas ambientais na proporção que o planeta se transforma e com isso impele a humanidade a mudanças. Registramos, pois, o nosso maior desejo nesse estudo: que ele seja caminho aberto para muitas, diversas, outras, tantas e cada vez mais comprometidas itinerâncias investigativas e de formação docente em Educação Ambiental.

## **Referências**

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Paris: Universidade de France, 1997.

BOFF, L. **Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

EDGAR, M; MOTTA, R; CIURAMA, E-R. **Educar para a era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. São Paulo: Cortez, 2003.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

GUTIÉRREZ, Francisco. **Ciudadania planetaria**. Heredia, mimeo, 1996

MATURAMA, R. H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 4ª reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. A pesquisa Qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1990.